

**ORRIS BARBOSA E FRANCISCO DE MEDEIROS VALLE:
MEMÓRIAS DA CONSTRUÇÃO DO AÇUDE ITANS
(CAICÓ – RN/1932)¹**

Juciene Batista Félix
Mestranda em História e Espaços – UFRN
Bolsista de Demanda Social – MEC/CAPES
e-mail: jucieneandrade@yahoo.com.br

*... é a memória que dita e a história que escreve.
Pierre Nora*

Resumo

Este artigo propõe uma análise das imagens e narrativas produzidas por Orris Barbosa em seu livro “Secca de 32” publicado em 1935 e Francisco de Medeiros Valle em suas memórias na “História do Açude Itans” escrito em 1994. Nosso recorte de análise será perceber como estes dois autores constroem, em suas narrativas, imagens sobre a cidade de Caicó-RN num momento emblemático de sua história. 1932 foi um ano de grande seca e algumas políticas públicas designadas para aquela cidade e áreas circunvizinhas. Caicó passa a ser uma cidade-movimento, de encontros e desencontros. Orris narra suas impressões sobre a cidade ao acompanhar a comitiva de Getulio Vargas e Valle tece suas memórias a partir de suas experiências na frente de trabalho. São olhares que se cruzam e visualizam o espaço vivido.

Palavras-chave

Caicó, Itans, Memórias

¹ Artigo proposto como componente avaliativo da disciplina **História, Memória e Patrimônio** ministrada pela professora Dra. Maria da Conceição Fraga durante o semestre 2005.2.

Narrativas construídas sobre um dado espaço constituem importantes referenciais para a análise de memórias e olhares delimitados que permeiam o objeto de pesquisa do historiador, abrindo um campo de possibilidades sobre o construir, o projetar e o agenciar determinados discursos. Este artigo se propõe a analisar narrativas nas obras de dois autores que escrevem sobre a região sertaneja do Seridó e mais especificamente sobre a construção do Açude Itans², próximo ao núcleo urbano de Caicó durante os primeiros anos da década de 1930. As impressões de Orris Barbosa e Francisco de Medeiros Valle sobre aquele determinado espaço interiorano e suas formas singulares de narrativa constituem um momento performático caracterizado por ricas experiências históricas que através da escrita reforçam e ressignificam uma memória histórica e, portanto, o próprio passado. Também iremos nos propor a discutir como o Açude Itans faz parte da cultura material da cidade de Caicó, um marco divisor.

Desta forma, os dois autores escolhidos, Orris Barbosa e Francisco de Medeiros Valle, terão seus escritos entendidos como fragmentos de uma memória histórica que podem ser analisados numa perspectiva comparativa. O jornalista paraibano Orris Barbosa acompanhou a comitiva do presidente Getúlio Vargas em uma expedição ao interior do Nordeste em 1933 para verificar as condições climatológicas e sociais da região que sofria severas conseqüências devido ao prolongamento do período de estiagem. Na medida em que visitava ou passava por determinados lugares, o jornalista descrevia minuciosamente suas impressões e estranhamentos que ficaram registrados no livro “Secca de 32: impressões sobre a crise nordestina”.

Já o segundo autor, Francisco de Medeiros Valle, escrevendo em meados dos anos 1980, “História do Açude Itans: município de Caicó-RN”, narra sua experiência

² O Açude Itans foi construído sob o Rio Barra Nova e tinha, a época de sua inauguração em 1936 uma capacidade de armazenamento de 81.000.000m³ de água, segundo CIRNE, Moacy. **A Invenção de Caicó**. Natal: Sebo Vermelho, 2004. p. 53.

quando da participação, ainda jovem, na construção daquele grande reservatório. Apresentado como uma obra de grande importância para a sociedade seridoense e, principalmente caicoense, daquela época, o Itans vinha atender aos apelos tanto dos grupos políticos e comerciantes como da população pobre que tinha na arregimentação dos trabalhos um meio de subsistência perante a calamidade que se instalara na região.

Portanto, lugar de histórias, espaços de conflitos. O Itans foi descrito pelos dois autores em momentos distintos, mas que se cruzam pelo entrelaçamento da memória histórica. Orris Barbosa passa pelo Itans e o descreve a partir do olhar de agente externo, de alguém que contempla o diferente e tenta compreender o cotidiano daquele conglomerado humano e trânsito incessante de burros carregando sob as cangalhas e caças pedaços de pedras e porções de barro. É alguém que conjectura. Faz uma reflexão no calor dos acontecimentos e registra-os no seu diário. Já Francisco Valle guarda as lembranças daquele tempo para depois tece-las aos familiares e conterrâneos, já na fase de aposentadoria. Era uma história que precisava ser contada, pois assim como o autor, as outras pessoas que compartilharam aquela experiência estavam morrendo. Portanto, descrever no livro as suas memórias foi vista como uma forma de impedir o esquecimento.

Assim, a experiência do senhor Valle como trabalhador do Açude Itans e as narrativas do jornalista Barbosa sobre a região e a própria cidade de Caicó, são fragmentos de memórias que nos possibilitarão recompor, um dado espaço/ tempo, pois como afirma Alistair Thomson³ quando se recompõem uma memória, estão presentes em suas narrativas os valores subjetivos e identitários de quem conta, pois é uma nova reelaboração de um fato de acordo com interesses próprios, uma acomodação de um passado com o qual se possa conviver.

³ THOMSON, A. "Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre História Oral e as Memórias". *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 15, abril, 1997. p. 59.

Orris Barbosa e Francisco de Medeiros Valle são personagens que vão construindo em suas narrativas imagens e memórias de uma cidade, compondo um corpo escriturístico sobre o espaço que os rodeiam, sobre o homem e sua luta em transformar a natureza, a paisagem em cultura. Segundo Simon Schama a “paisagem é cultura antes de ser natureza; é um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha”⁴, portanto neste texto também se buscará refletir sobre estas transformações paisagísticas, a exemplo da construção de um açude, impedindo o fluxo das águas do Rio Barra Nova, como uma obra do humano, pois o espaço

Não é uma matéria inerte, um mero suporte das relações travadas entre indivíduos, mas parte constitutiva das relações sociais, incorporando significados que lhe são atribuídos por determinadas representações, revestindo-se de simbologias e participando da construção de certas identidades. A noção de subjetividade implícita nesse conceito conduz a compreensão do espaço como marca e expressão das relações sociais.⁵

Os dois autores vão construindo imagens de um espaço nas tramas de seus textos, não deixando de lado a possibilidade de refletir sobre a carga de subjetividade imputada nesse meio que pode ser comparado a um intervalo espacial entre a cidade e a construção do Açude Itans. A transformação da paisagem, o desmatamento de toda área onde seria construída a barragem, revela a capacidade de modificação que o homem possui conferindo ao espaço significados e sentidos advindos das relações sociais.

Orris Barbosa acompanhou a comitiva do presidente Getúlio Vargas a época em que viajou ao interior Nordeste para averiguar as condições em que a população estava vivendo quando assolada pela seca que castigou a região nos anos 1930/1932. Começando pelo Recife, a comitiva adentrara o interior dos estados de Pernambuco,

⁴ SCHAMA, S. **Paisagem e Memória**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. p. 70.

⁵ ARRAIS, R. **O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004. p. 11.

Paraíba e Rio Grande do Norte cujos relatos se constituem em uma interessante etnografia do espaço sertanejo e seus desafios nos anos 1930.

Em cada ponto de passagem, Barbosa vai descrevendo as singularidades do espaço visitado pela comitiva, seja, por exemplo, a cidade de Alagoa Grande ou Areia no brejo paraibano, Campina Grande “a cidade que morre de sede”, em sua narrativa enfocando também, a tradição dessa cidade para o comércio de algodão “grande centro commercial – a Mecca do algodão nordestino – a sua vida está em íntima função com a principal riqueza da região” ou então enfoca seu olhar para a tradicional feira da cidade. Saindo de Campina Grande e dirigindo-se ao sertão, passando por Santa Luzia e pelo povoado de Várzea, nos confins do limite da Paraíba com o Rio Grande do Norte, a comitiva chega ao território potiguar. Descrevendo a paisagem da caatinga, o autor expõe minuciosamente a fauna, flora e o homem visto como um herói/esquecido, pois vive em um espaço que o desafia cotidianamente. Vejamos como então faz um interessante relato do lugar,

Meu companheiro de viagem, sulista, ansioso por conhecer o sertão **agressivo e secco**, vez por outra solta uma admiração disparatada ou uma pergunta ingênua.

- E o cacto?

- O cacto e longe daqui, nas caatingas.

O meu companheiro do sul está de olhos escancarados diante da **natureza feroz (grifos meus)**, sem falar prestando pouca atenção aos meus comentários. Mas, num rompante, como que despejou a alma em cima de mim.

- A gente conhece tudo isso lendo Euclides da Cunha, que foi um fotógrafo verbal do sertão... Mas, só vendo, para acreditar na **fúria estática desse mundo de espinhos e pedras (grifos meus)** – cruzou os braços, macambúzio, absorto, com a fisionomia dramática.

Perfilam-se os pés de xique-xique e a jurema é abundante nos taboleiros e baixios. (...)

Cada vez mais o solo se encrespa de pedras, neste Seridó sombrio, enquanto a **agressividade espinhosa da vegetação sertaneja esbravejava no silêncio das coisas (grifos meus)** – uma vegetação heróica que luta com a aridez dominante, insinuando-se, atormentada, a rasgar a epiderme granítica da terra para poder viver.

Blocos soltos e esparsos de pedra nua e lisa como que são as bases abandonadas de alguma construção colossal, tudo esboçado por divindade ensandecida, a estender-se na chapada rasa coberta de pedras miúdas esperando o prosseguimento do trabalho gigantesco.⁶

⁶ BARBOSA, O. **Secca de 32: impressões sobre a crise nordestina**. Rio de Janeiro: Adersen Editores, 1935. p. 156.

O que os homens pensam sobre a natureza dirá bastante sobre a sua sociedade, diante disso, na narrativa acima, o autor nos presenteia com um trecho sobre como seu companheiro de viagem fica atônito com a imagem do lugar que vai observando ao longo do percurso feito pela comitiva. Os sentidos atribuídos à natureza pela sociedade podem significar o que esta mesma pensa de si próprio, um lugar sem chuvas, que apresenta uma vegetação bem peculiar como a da caatinga, pode ser sugestivo para se criar conceitos que possibilitem uma compreensão sobre este espaço. Uma região pobre de vegetação, um solo pedregoso não poderia possuir um outro tipo humano que não fosse pobre, ressequido pelo sol, uma gente que necessitaria de toda compaixão de seus compatriotas sulistas. Os sentidos atribuídos à paisagem, a natureza também são os mesmos alocados às pessoas e as suas memórias.

Esta é uma das inúmeras descrições a respeito das paisagens, da natureza que o autor vai deparar-se quando de sua entrada na região do Seridó, a “agressividade” dessa região parece “intimidar” os passantes, então continua

Lá embaixo está o Itans, com seu formigueiro a cavar a terra.

É mesmo impressionante o esforço daquelle formigar de homens ao sol, lavados em suor, que não param, em longas filas pacientes acompanhando centenas de burricos que sobem e descem, numa ciranda commovente, intermina e silenciosa, cada burrico com duas caixas de terra no lombo. No alto, as caixas são esvasiadas no dorso da barragem, que deve alcançar a altura de 26 metros.

É o trabalho organizado para a salvação da terra e do homem. ...

Depois do semi-deserto que tanto nos acabrunhou o espírito, o esforço destes milhares de sertanejos, todos vestidos de brim mescla e calçando alpercatas, no combate consciente a esterilidade da natureza, com as famílias alojadas em pequeninas casas de taipa e telha – embrião de futura cidade – impressionava-nos profundamente⁷

⁷ BARBOSA, O. Op. Cit. p. 158.

São destas primeiras impressões que o autor vai se deparar com os trabalhos de construção do Açude Itans, há 6 quilômetros da cidade de Caicó, aproveitando-se o fluxo temporário do Rio Barra Nova. Suas primeiras descrições são marcantes, pois nos possibilitam reviver um momento que habita a suas lembranças. Uma sociedade comparada a de formigas que trabalha incansavelmente num vai-e-vem sôfrego de corpos que se debatem em um espaço atormentado pelo sol. Um dos pontos propostos nesta reflexão é que não apenas as memórias das pessoas são pertinentes para se construir um outro texto mas também as memórias contidas nas paisagens, na natureza podem nos ser úteis no momento da composição. Desta forma, apesar de Barbosa não trabalhar de forma enfática com o Itans ou mesmo com Caicó, o importante dele é a possibilidade que este nos oferece de remontar um cenário, um momento, que ficou arquivado em sua memória fotográfica tal qual Euclides da Cunha quando descreveu cientificamente a paisagem do sertão nortista no início do século XX. Portanto, temos uma moldura paisagística que vai embalar as narrativas de nosso segundo cronista.

Francisco de Medeiros Valle, um menino que aos treze anos já escutava histórias sobre os projetos de construção do Açude Itans. Aos vinte anos integrava a equipe de trabalhadores da construção do açude, um dos sujeitos passantes dessa história que participou da construção do Itans que se iniciou em 1932. O autor através de suas lembranças nos possibilita ter acesso como se deu o início dos trabalhos para efetivação da construção do açude que começa com a chegada do ministro de Viação e Obras Públicas a época, José Américo de Almeida, à Caicó sem comitivas, apenas acompanhado de Antenor Navarro e de Lima Campos para propor ao prefeito da cidade Joel Adonias Dantas, juntamente com lideranças locais o preâmbulo dos trabalhos para construção do açude.

No dia 20 de abril de 1932 uma comissão provisória começa a organizar as sedes de trabalho, o alistamento dos operários⁸, a construção de barracões para fornecimento de víveres, loja de tecidos com roupas feitas, mercearias, padaria. A narrativa de Valle nos proporciona conhecer como era o cotidiano dos trabalhadores, como a obra foi iniciada e ao mesmo tempo em que narra sua história/lembrança vai nos fornecendo uma imagem de Caicó através de suas informações. A nossa análise não visa obter uma imagem da cidade tal que era em 1932, mas impressões sobre o lugar, ou seja, através dessas suas recordações podemos ter acesso por exemplo que Caicó se viu obrigada a desenvolver seu comércio local⁹ e a buscar fora o que não se encontrava aqui pois não conseguia dar conta de um consumo tão grande pois no momento desse trabalho o ajuntamento neste espaço passava de 5.000 pessoas. Buscamos entender como as memórias, recordações sobre um dado lugar, fragmentos, um acontecimento que nos possibilita esse exercício. Vamos então a outra narrativa, assim

Logo o início da construção (do açude Itans) se tornou noticia na região, começaram os comerciantes dos municípios vizinhos, Jardim do Seridó, Jardim de Piranhas, Ouro Branco, São José do Seridó e outros, a prestar compromissos para uma instalação de novos barracões, que atingiram uma dezena. Os proprietários dos barracões foram se instalando á medida que preparavam as acomodações, de forma a atender as necessidades de alimentação de tanta gente que se aglomerou em pouco mais de um mês. (...) O alistamento do pessoal para os trabalhos da construção admitiu, todo tipo de operário, como barraqueiros e barraqueiras, cavadores de terras, ferreiros, muito requisitados, administradores de trechos, tropeiros, com seus jumentos, feitores encarregados de turmas, apontadores de operários, auxiliares de escritório, carpinteiros, cavouqueiros, mestre-de-obras e outros que foram úteis.¹⁰

⁸ Muitos desses operários estavam sofrendo muito com a estiagem que atingia a região há dois anos.

⁹ Nunca se consumiu tanto arroz, açúcar, rapadura e fumo no município de Caicó, havendo assim, a necessidade de importar esses víveres de outras localidades do Brasil como Paraíba, Pernambuco, Ceará, Maranhão até mesmo charque dos estados do Centro-Sul.

¹⁰ VALLE, F. de M. **História do Açude Itans: município de Caicó-RN**. Caicó/Brasília: Senado Federal, 1994.p. 16.

Os fragmentos de memória descritos por Valle, muitos anos depois de sua experiência na obra de construção do açude Itans, representa reminiscências do passado para compor sua história, uma narrativa que avalia aqueles velhos tempos como parte integrante de um grupo de comerciantes, de flagelados, de todo um **corpus** social envolvidos numa obra de expectativa para a época e fundamental para a sobrevivência de muitos em Caicó e áreas circunvizinhas. Dessa forma pode-se compreender por que Pierre Nora¹¹ afirma que memória é vida, pois ela está sempre carregada por grupos e neste sentido ela (a memória) está em permanente evolução, aberta ao que o autor chama da dialética da lembrança e do esquecimento, “inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações”, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Talvez tenha sido provável que Valle e Barbosa tenham se cruzado naquele espaço. Os autores não fazem referências entre si. Todavia não podemos deixar de perceber que se entrecruzam por suas escrituras, por suas memórias que estão inseridas dentro de um grupo social. São olhares perpendiculares que demarcam referenciais sobre um espaço, num dado momento histórico, mesmo que composto por experiências muito diferentes, singulares. Ao cruzarmos esses dois olhares sobre um mesmo lugar, iremos obter imagens que nos farão dar um pulo de volta ao passado com suas reminiscências¹².

A narrativa desses dois autores, em caminhos diferentes, nos ajuda a capturar imagens de Caicó durante a década de 1930, nos propicia obter restos de um tempo. Dessa forma, compreende-se que essas narrativas correspondem a uma elaboração de uma memória arquivística, ou seja, uma memória que é histórica passando por reelaborações e intencionalidades.

¹¹ NORA, P. “Entre historia e memória: a problemática dos lugares”. **Projeto História**, n. 10, PUC/SP, dez/1993. p. 07-28.

¹² O termo reminiscência pode ser compreendido como um passado importante que compomos para dar um sentido satisfatório a nossa vida. Cf. THOMSON, Alistair. **Op. Cit.**

Orris Barbosa é o olhar que vem de fora, Francisco Valle é o olhar de dentro. Desse entrecruzamento de lembranças, de memórias, é possível montarmos imagens do espaço caicoense, são passantes que visualizam o espaço vivido e criam, para este espaço, um lugar de memória através da escrita e da oralidade.

Francisco de Medeiros Valle tece suas narrativas a partir de um lugar: um trabalhador que se destaca dos demais por suas habilidade em escrever bem e calcular orçamentos para a obra

O marceneiro era um jovem de apenas vinte anos de idade e experiência limitada, porem o engenheiro vinha desde que o encontrou, a atestar sua capacidade de serviço porque o que lhe chamou atenção foi à letra empregada pelo mesmo, num orçamento de material para a construção da primeira etapa das casas a construir, que foi apresentado à administração provisória, e entregue ao engenheiro, quando assumiu a chefia...¹³

Este ponto é bastante realçado na “composição” de sua memória. É importante também perceber como se podem determinar momentos durante a construção da narrativa de Valle que apoiarão as suas lembranças. Estes momentos constituem o que Julio Pimentel¹⁴ nomeou como os “múltiplos tempos da memória”, ou seja, os tempos da memória extrapolam o tempo cronológico, um momento singular pode significar um referencial de memória, uma demissão, um trabalho mal feito, um elogio, uma visita inesperada etc.

Estes fragmentos de memória nos projetam a um momento específico em termos históricos. Primeiros anos do governo Vargas, interventoria no estado do Rio Grande do Norte. Na cidade de Caicó, assumira a prefeitura Dinarte Mariz dissidente de um grupo político que apoiava a republica velha. Todavia, após um ano e meio de governo descontente com o interventor estadual, renuncia ao posto assumindo a prefeitura Joel Dantas cuja administração se deparou com vários

¹³ VALLE, F. M. **História do Açude Itans Município de Caicó – RN.** p. 20.

¹⁴ PINTO, J. P. “Os Muitos Tempos da Memória”. **Revista Projeto História**, São Paulo, nº 17, novembro, 1998.

desafios, entre eles articular políticas públicas para atender os vários flagelados que vinham em busca de ajuda invadindo o espaço público de Caicó. Dessa forma pode-se entender que a articulação para a construção do açude Itans veio atender múltiplas reivindicações, desde o problema da água em si, até arranjar trabalho para os passantes que chegavam a Caicó em busca de ajuda.

Essas narrativas são olhares, experiências de vida, imagens de um tempo. Memórias de passantes, caminhos traçados por lembranças. Os cronistas personagens do texto nos oferecem pistas, imagens fragmentadas de uma cidade. Um espaço cartografado por caminhantes. Um mosaico de experiências, um palco de inúmeros personagens, um teatro onde peças são representadas por sujeitos passantes que escrevem experiências de suas vidas. Orris e Valle são esses caminhantes, passantes que escreveram suas impressões e nos deixaram lembranças de um lugar.

Esse texto não possui o objetivo de (re) construir um momento, uma cidade. Mas, refletir sobre as possíveis imagens de um espaço. Essas imagens correspondem a fragmentos que podem ser usados como peças de um quebra-cabeça da memória de alguns. Essas peças podem nos dar uma ideia desse espaço vivido. Essas memórias soam como fios que costuram pedaços de um tempo que muito se assemelha a um rizoma, um tecido esburacado de recordações perdidos no espaço tempo. Correspondem a uma elaboração de um arquivo sentimental, que é individual e coletivo, e como tal, deve-se perceber que a espontaneidade atribuída à memória como algo que brota das lembranças sem intervenção nenhuma não há possibilidade de existência, pois a arquivística é uma elaboração histórica sobre um determinado momento.

Dessa forma por mais inocentes que pareçam estas narrativas, representam alguém, é um lugar de onde se fala, representam momentos de importância nesse

cenário analisado bem como uma memória que não quer ser esquecida, que necessita ser lembrada, pois como afirma Pierre Nora:

a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a conforta; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas (...). A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico.¹⁵

Referências

ARRAIS, R. **O pântano e o Riacho: a formação do espaço do Recife do século XIX**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

BARBOSA, O. **Secca de 32: impressões sobre a crise nordestina**. Rio de Janeiro: ADERSEN – Editores, 1935.

DUARTE, R. H. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

NORA, P. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p.07-28, dezembro/1993.

PIMENTEL, J. “Os Muitos Tempos da Memória”. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 17, p. 203-211, novembro/1998.

SCHAMA, S. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

THOMSON, A. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias”. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 15, p. 51-71, abril/1997.

VALLE, F. M. **História do Açude Itans Município de Caicó – RN**. Brasília -1994

¹⁵ NORA, P. **Op. Cit.** p. 09